



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE**

ERIVALDO YORI MUNDURUKU

**O USO DE ANIMAIS NA MEDICINA TRADICIONAL MUNDURUKU NO
TRATAMENTO E CURA DE DOENÇAS (ZOOTERAPIA)**

SANTARÉM – PA

2023

ERIVALDO YORI MUNDURUKU

**O USO DE ANIMAIS NA MEDICINA TRADICIONAL MUNDURUKU NO
TRATAMENTO E CURA DE DOENÇAS (ZOOTERAPIA).**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso II - TCC II apresentado ao Instituto de Saúde Coletiva – ISCO, Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

Orientador: Prof. Teógenes Luiz Silva da Costa

SANTARÉM

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

M965u Munduruku, Erivaldo Yori
O uso de animais na medicina tradicional Munduruku no tratamento e cura de
doenças (zooterapia) / Erivaldo Yori Munduruku – Santarém, 2023.
43 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Teógenes Luiz Silva da Costa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
Pará, Instituto de Saúde Coletiva, Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

1. Animais medicinais. 2. Conhecimento tradicional. 3. Medicina popular. 4. Povos in-
dígenas. 5. Zooterapia. I. Costa, Teógenes Luiz Silva da, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 305.898115

Bibliotecária - Documentalista: Mary Caroline Santos Ribeiro – CRB/2 566



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
COORDENAÇÃO ACADÊMICA

Fone (093) 2101-4933 / Email: coordenacaoacademica.isco@ufopa.edu.br

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10/02/2023, às 14:30 horas, foi convocada e formada a banca examinadora composta de três professores e/ou autoridades nesta Universidade, abaixo nominados, para o exame do trabalho escrito, apresentação oral do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, elaborado pelo acadêmico ERIVALDO YORI MUNDURUKU, cujo título é "O USO DE ANIMAIS NA MEDICINA TRADICIONAL MUNDURUKU NO TRATAMENTO E CURA DE DOENÇAS (ZOOTERAPIA)". Foi concedido o tempo máximo de 20 minutos para o acadêmico fazer a exposição oral do trabalho, atribuindo-se outros 30 minutos para arguições. Após a apresentação foram feitas as arguições ao acadêmico, visando a avaliação e crédito na disciplina. Concluídas as arguições, a banca passou à deliberação sobre a avaliação, considerando os seguintes critérios: Qualidade Técnica do Trabalho; Domínio do Conteúdo; Qualidade na Exposição Oral; Clareza e Coerência dos Objetivos da Pesquisa, Problemática, Métodos e Formas de Intervenção; e Referencial Teórico, Resultados e Bibliografia. Após a deliberação, concluída à presente banca de exame de TCC, trabalho foi considerado:

- Aprovado (nota \geq 6,0).
 Reprovado (nota $<$ 6,0).

Professor (a)	Função	Nota (0 a 10)
João Davi Batista	Membro	9,0
Camila Jacome	Membro	9,8
	Média	9,4

A entrega da versão final do TCC, com as devidas alterações apontadas pela Banca Examinadora, deverá ocorrer no prazo de 15 (quinze) dias após defesa.

Assinaturas dos membros da banca

Presidente - Tejane J. J. J.
Membro - Camila Jacome
Membro - Paulinho

Santarém, 10 de fevereiro de 2023

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu povo, Munduruku, a quem sou culturalmente herdeiro, principalmente ao clã YORI, minha aldeia Sai Cinzas e demais aldeias. Agradeço de forma especial à minha família, destacadamente, minha esposa Ângela Dace. Da mesma forma, agradeço ao Instituto de Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Oeste do Pará, que me deu a oportunidade de cursar o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde nesta estimada instituição. Obrigado por abrirem portas ao público étnico-racial historicamente marginalizado, em especial aos povos indígenas, e proporcionar diferentes formas de contato com o conhecimento, além de estimular a criatividade, a interação e a participação social tanto na vida acadêmica quanto pessoal. Sou grato especialmente ao professor Dr. Teógenes Luiz Silva da Costa, que foi meu orientador, me auxiliou nas pesquisas e na revisão da minha monografia. Agradeço a todo o corpo docente, à direção e à administração do Instituto de Saúde Coletiva – ISCO.

RESUMO

Este estudo descreve o uso de animais na medicina tradicional Munduruku. A pesquisa de campo foi realizada em uma comunidade indígena da referida etnia, localizada a duas horas de motor *rabetá*, e a quarenta e cinco minutos de motor de *popa* 40Hp, do município de Jacareacanga, situada a margem direita do rio alto Tapajós, no sudoeste do Pará. A coleta de dados sobre a zooterapia Munduruku ocorreu em janeiro de 2021, obtida por meio de entrevistas com a participação de 12 informantes Munduruku, sendo 8 mulheres e 4 homens, entre as faixas de 40 a 70 anos. A entrevista conteve perguntas fechadas e abertas, conversas informais com foco no objetivo da pesquisa. Foram adotados os seguintes critérios de seleção, foi selecionado apenas os especialistas nativos de maior conhecimento sobre as práticas zoterapêuticas (uso de animais), como o pajé, puxadores, parteiras e raizeiros. Quanto ao critério de exclusão, foram considerados, ser menor de 18 anos e não ter reconhecimento popular sobre as práticas tradicionais. Foram registrados 17 etnoespécies de animais utilizados no sistema tradicional da população Munduruku, distribuídas em 04 categorias de animais, tais como mamíferos (7), répteis (4), invertebrados (3), aves (2), e peixe (1). Indicado no tratamento de doenças respiratórias, pneumonia, asma, gripe, doenças circulatórias e cardíacas, entre outras como AVC, derrame, reumatismo, sendo que a banha da sucuri é amplamente utilizada como cicatrizante, e além de ser utilizada por mulheres durante a gestação. Estes recursos faunísticos são indicados pelo pajé e por outros detentores do conhecimento da aldeia. Os resultados revelam a presença da zooterapia entre a população Munduruku. Conforme Silva *et al* (2003), uma vez que as doenças afetam o cotidiano das camadas economicamente menos favorecidas da sociedade. Os saberes e práticas populares, podem contribuir tanto para as pesquisas farmacológicas quanto para a compreensão das relações com os recursos naturais e sua conservação (SILVA *et al.*, 2003).

Palavras-Chave: Animais medicinais. Conhecimento tradicional. Medicina popular. Povos Indígenas. Zooterapia.

ABSTRACT

This study describes the use of animals in traditional Munduruku medicine. The field research was carried out in an indigenous community of the aforementioned ethnic group, located two hours by sterndrive engine, and forty-five minutes by 40Hp outboard engine, in the municipality of Jacareacanga, located on the right bank of the Alto Tapajós River, in the southwest from Pará. Data collection on Munduruku zotherapy took place in January 2021, obtained through interviews with the participation of 12 Munduruku informants, 8 women and 4 men, aged between 40 and 70 years. The interview contained closed and open questions, informal conversations focusing on the research objective. The following selection criteria were adopted, only native specialists with greater knowledge of zotherapeutic practices (use of animals) were selected, such as shamans, handlers, midwives and healers. As for the exclusion criteria, being under 18 years old and not having popular recognition of traditional practices were considered. Seventeen ethnospecies of animals used in the traditional system of the Munduruku population were registered, distributed in 04 categories of animals, such as mammals (7), reptiles (4), invertebrates (3), birds (2), and fish (1). Indicated in the treatment of respiratory diseases, pneumonia, asthma, flu, circulatory and heart diseases, among others such as stroke, stroke, rheumatism, and sucuri lard is widely used as a healing agent, and in addition to being used by women during pregnancy. These faunistic resources are indicated by the pajé and other holders of knowledge in the village. The results reveal the presence of zotherapy among the Munduruku population. According to Silva et al (2003), since diseases affect the daily lives of the economically less favored layers of society. Popular knowledge and practices can contribute both to pharmacological research and to the understanding of relationships with natural resources and their conservation (SILVA et al., 2003).

Key words: Medicinal animals. Traditional knowledge. Folk medicine. Indian people. Zotherapy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: A TERAPÊUTICA DE POVOS TRADICIONAIS.....	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	Zooterapia: Visão cosmológica Munduruku	13
3	DADOS GERAIS DA POPULAÇÃO MUNDURUKU.....	15
3.1	Localização da terra indígena e população.....	15
3.2	Contato do não-indígena com Munduruku.....	17
3.3	Organização do povo Munduruku.....	18
3.4	Aspecto cultural Munduruku	18
3.5	Cosmologia Munduruku	21
3.6	Sistema produtivo: Agricultura Munduruku.....	21
3.7	Organizações Munduruku.....	22
3.8	Saúde indígena Munduruku.....	24
4	OBJETIVOS	27
4.1	Objetivo Geral	27
4.2	Objetivos Específicos	27
5	RELATO DA EXPERIÊNCIA - ENTREVISTA COM MUNDURUKU... 	27
6	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	30
6.1	Dados Coletados	32
6.2	Frequência de citação de acordo com a classe de animais de etnoespécies.....	33
6.3	Quadro do uso e aplicabilidade de animais terapêuticos.....	34
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO: A TERAPÊUTICA DE POVOS TRADICIONAIS

Este estudo descreve os saberes e práticas tradicionais, particularmente sobre a zooterapia (ou seja, uso de animais com potencial terapêutico ou profilático) utilizados na medicina tradicional dos indígenas Munduruku, situados no sudoeste do Estado do Pará. A zooterapia é uma prática comum e amplamente utilizada entre os grupos étnicos, juntamente com as plantas medicinais, pois estes recursos são imprescindíveis no tratamento e cura de doenças (SANTOS, 2017).

Neste contexto, os recursos naturais, no que diz respeito à fauna e à flora, vêm sendo utilizados pela humanidade remotamente, tais recursos são fundamentais para a sobrevivência da diversidade das populações indígenas centradas na Amazônia Legal (COSTA-NETO, 1999).

A floresta amazônica, localizada na América do Sul, é um dos maiores biomas terrestres, rico em recursos naturais, abrigando uma ampla biodiversidade, a qual inclui animais, aves, plantas, entre outros diversos seres vivos. Nestas regiões, a utilização dos recursos naturais ocorre devido a ampla diversidade, disponibilidade e acessibilidade biológica. O uso dos recursos florestais é influenciado ou impulsionado por vários fatores, entre eles, destaca-se, a caracterização demográfica, dificuldades de acesso aos pontos de referência ou assistência em saúde, bem como a longa distância de cidades onde oferecem atendimentos e medicamentos através do Sistema Único de Saúde (SUS) e outros pontos particulares de saúde (LIMA *et al.*, 2010; ALVES *et al.*, 2010).

Em contrapartida, os remédios naturais têm representado uma alternativa aos medicamentos comuns, ou seja, na ausência desses medicamentos, os remédios naturais a substituem. Ressaltando que o uso constante dos recursos naturais pelas populações, podem estar relacionados com o alto custo dos medicamentos proposto nas farmácias e drogarias, tais custos não condizem com os aspectos socioeconômicos e culturais da população, como descreve Alves e Dias (2010).

Entre diversas culturas, a prática do uso de recursos biologicamente natural, está presente no contexto nacional da sociedade contemporânea, tais práticas, podem ser encontradas no cotidiano das populações étnicas, geralmente, entre grupos de indígenas, ribeirinhos, extrativistas, rurais e urbanas, da região norte do Brasil (LIMA *et al.*, 2010; ALVES *et al.*, 2010; FISCHER *et al.*, 2018).

Os processos terapêuticos no que diz respeito à medicina popular, foram incorporados em diversas ações de cuidado em saúde, tanto no contexto cultural da sociedade passada quanto contemporâneas, particularmente o uso de animais com propósitos medicinais que tenham finalidades curativas. Nesta perspectiva, a zooterapia ou a prática do uso de partes que derivam diretamente de animais, teve origem a partir do senso comum ou saber popular (MARTA *et al.*, 2019). No contexto atual, tais práticas são desenvolvidas por diversas culturas, e a partir dos registros etnográficos do fenômeno da zooterapia, culminou-se a “hipótese da universalidade zooterápica” (COSTA-NETO, 1999/2008; LIMA *et al.*, 2010; ALVES e DIAS, 2010), “que defende que toda sociedade humana que possui um sistema médico desenvolvido utiliza os animais para a produção de remédios” (LIMA *et al.*, 2018, p. 159).

Os saberes praticados na medicina tradicional são transmitidos de uma geração para a outra, tais saberes são aperfeiçoados através da escuta atenta, quando narrados pelos anciões na forma oral (COSTA-NETO, 1999; ALVES *et al.*, 2010). Os saberes populares sobre a medicina tradicional zooterápica, estão arraigados em diferentes grupos étnicos da sociedade brasileira. Entre os indígenas, é natural os mais velhos compartilharem seus conhecimentos aos jovens, desta forma que os saberes ancestrais são repassados para os próximos descendentes, bem como descreve Bentes:

As técnicas são fundamentadas em conhecimentos adquiridos tradicionalmente junto a um familiar mais velho [...], como pais e avós, os quais também obtiveram sua formação de modo semelhante, ou conhecimentos adquiridos junto a um terapeuta da comunidade. p.33, 2019).

Nessa perspectiva, a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima que 80% da população mundial utiliza a medicina tradicional nos processos de cuidado em saúde (FISCHER *et al.*, 2018; ALVES *et al.*, 2010).

Considerando as características dos saberes culturais, entre indígenas e não-indígenas, o uso de animais para fins curativos são bastante semelhantes, mas diferem na sua forma de uso, ou seja, a utilização de partes destes animais, além de sua indicação e finalidade de tratamento ou cura de enfermidades.

Segundo Silva (2003) e Alves e Dias (2010), no que diz respeito ao saber popular no Brasil, tais manifestos pela medicina popular, particularmente sobre a

zooterapia, emergiu-se de interação de uma conjuntura de diferentes sociedades, em destaque, configura-se das interações de indígenas, africanos e europeus, historicamente contribuíram pioneiramente para a construção da história da medicina desde o Brasil colônia, que conseqüentemente, resultou numa importante etnomedicina, cujas práticas de saúde, pertencem a diferentes classes sociais ou grupos étnicos. A persistência das praticidades dos saberes populares, resistiu-se desde o período colonial, no século XVII, com a obra de Guilherme Piso e Jorge Marcgrave, descreveram os primeiros registros sobre a utilização de animais e vegetais como recursos medicinais para tratar ou curar as enfermidades acometidas em seres humanos (SILVA *et al.*, 2003; COSTA-NETO, 2008; LIMA *et al.*, 2010).

Apesar dos saberes populares relativamente bem conhecidos entre não indígenas, há uma grande escassez no diz respeito aos estudos etnográficos, especificamente sobre a utilização de animais para fins medicinais, o tema de quesito “animal” tem sido pouco estudado quando comparado às plantas medicinais, fica evidente que o uso de animais, ainda se mantém numa segunda fonte de tratamento, em consequência disso, os estudos descritivos sobre o uso de animais medicinais pelas populações tradicionais, têm sido escassamente documentadas pela literatura, particularmente estudos etnográficos acerca dos saberes e práticas relacionados ao uso de animais medicinais pela população Munduruku (ALVES *et al.*, 2010; SILVA, 2008).

A utilização de animais por diversas culturas, faz parte de um sistema médico tradicional e bastante complexo, nesse sentido, tanto a etnografia quanto a etnozologia são essenciais para um estudo em campo, ao mesmo tempo que estuda as características do aspecto cultural de uma sociedade ou de um determinado grupo étnicos, também busca compreender a relação entre os seres humanos e os animais, e conforme relatado por Fischer (2018):

o uso medicinal dos animais vem sendo investigado por meio de pesquisas etnozoológicas, as quais interligam elementos das ciências naturais e sociais, para compreensão da relação entre homens e animais em populações tradicionais, rurais ou urbanas, e das representações dos animais no contexto histórico, econômico, sociológico, antropológico e ambiental (FISCHER, *et al.*, 2018, p. 218 apud ALVES, SOUTO, 2015).

Nessa perspectiva, o uso dos recursos naturais pelos seres humanos, tornou-se evidente em vários países do mundo, incluindo o Brasil, e particularmente na

Amazônia Legal, que compreende os nove estados brasileiros. Conforme Cunha (2018), o bioma possui uma rica biodiversidade, além de abrigar uma diversidade de populações, nesta região centra-se a maior parte dos povos indígenas.

Entre as diversas culturas, a prática do uso de animais pode ser encontrada visivelmente em várias regiões brasileiras, principalmente em comunidades indígenas, sendo que a maioria das etnias praticam essa modalidade de medicina, ou seja, usam animais para tratar de suas enfermidades.

Nesse aspecto, a etnografia tem por objetivo descrever as características culturais, este estudo por sua vez, descreve a forma como os indígenas Munduruku usam os animais medicinais, os estudos etnográficos, possuem uma grande relevância do ponto de vista cultural, uma vez que esses conhecimentos tradicionais são documentados, fortalece a identidade cultural desses grupos étnicos ou grupo de indivíduos. Tais conhecimentos populares, podem contribuir para a descoberta de novas drogas e possivelmente para as indústrias farmacológicas (LIMA *et al.*, 2010).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, estudos etnográficos têm registrado diversos aspectos culturais da população, particularmente sobre a zooterapia, animais de importância na cura de doenças físicas/biológicas e não-físicas, espirituais, de ordem sobrenatural ou cosmológicas (SILVA, 2008).

De acordo com estudos, o uso medicinal de animais, produtos e derivados é conhecido como zooterapia, ou seja, caracteriza-se pela utilização de animais como medicamentos, usados especialmente na medicina popular para tratar de doenças acometidas em humanos (ALVES *et al.*, 2010; LIMA *et al.*, 2010; LIMA *et al.*, 2018; PEIXOTO, 2009).

Entre as culturas tradicionais, o uso destes recursos zooterapêuticos, estão interligadas com suas crenças mágicas religiosas, caracterizando uma grande importância na cura de doenças que têm causas sobrenaturais ou cosmológicas (SILVA, 2008). Nesta perspectiva, Scopel (2017) aponta que:

o cosmo está prenhe de seres e agências considerados perigosos ou letais. Possuidores de *ethos* ativo, guerreiro e destemido, os Munduruku consideram que é preciso agir frente à diversidade de seres do cosmo, assim como sobre os corpos e sobre o ambiente, de modo a garantir o bem-estar coletivo (SCOPEL *et al.*, 2017, p. 92).

No Brasil, a manifestação da medicina popular ou saberes empíricos, particularmente da zooterapia, representa uma interação de indígenas, africanos e europeus, o que evidenciou numa rica etnomedicina, desempenhando um papel importante nas práticas de saúde entre diferentes culturas (SILVA *et al.*, 2003; ALVES *et al.*, 2010; PEIXOTO, 2009).

Embora que uso de animais para fins terapêuticos seja amplamente disseminado em várias regiões do Brasil, atuando como coadjuvante no tratamento de diversas enfermidades, fica evidente que há poucos estudos em relação a área da zooterapia quando comparado a etnobotânica, conforme Silva (2008), Alves e Dias (2010) e Lima e Severino (2018). Nesse contexto, os recursos terapêuticos de origem animal, têm apresentado alternativas para tratar de diferentes doenças do ponto de vista cultural e social, diversos estudos etnográficos têm registrado a utilização de animais, principalmente entre os grupos populacionais do Brasil, contextualizada brevemente mais adiante (SIVA *et al.*, 2003).

Para os Munduruku, a doença pode ser provocada quase sempre por agentes sobrenaturais maléficos, na cosmologia indígena refere-se ao (*Kaoxi; Jurupari, pucaxi* (mãe dos animais e da natureza) seres que estão sobre o domínio dos feiticeiros ou *pajés bravos*, como denomina os indígenas, e são capazes de causar doenças e a morte. Nos últimos tempos, a diminuição do número de especialistas *pajés*, está aliada com o aumento dos *pajés bravos*. Conforme a visão Munduruku, estes agentes desestabiliza o equilíbrio cósmico, e cria novos feiticeiros, e o especialista *pajé* é o único que pode sobrepor a estes *pajés bravos*, e interferir em suas práticas, mantendo e reestabelecendo o equilíbrio cósmico (MELO; VILLANUEVA, 2008).

Segundo Scopel (2017), com base no conceito de Little (2001), cosmografia compreende-se o conjunto de saberes praticado por um grupo étnicos ou uma coletividade desenvolve para estabelecer e se manter em seu território, ou opostamente a esse conceito. Portanto, trata-se do conhecimento pautado na experiência coletiva, relações simbólicas e afetivas que um grupo étnico estabelece com um ambiente específico (SCOPEL *et al.*, 2017. p. 93).

Na perspectiva do paradigma biomédico, o conceito de doença (*disease*) refere-se à anormalidade na estrutura ou no funcionamento dos órgãos e sistemas corporais, um estado patológico reconhecido pela biomedicina, e não pelo paciente.

Tais doenças são entidades patológicas compondo o modelo médico de saúde debilitada, e que podem ser identificadas e descritas pela referência a certa evidência biológica. Nessa perspectiva, o modelo biomédico considera doença somente os aspectos biológicos, causadas por um agente patógeno, causador de desequilíbrio ou disfunção no organismo (LANGDON, 2013 e HELMAN, 2009). Já o conceito de enfermidade (*illness*) refere-se à resposta subjetiva do paciente ao fato de não estar bem. Este conceito, portanto, é a perspectiva do paciente sobre sua saúde debilitada (HELMAN, 2009).

No Brasil foi registrado a utilização de animais medicinais por diferentes grupos populacionais, como entre dois grupos de indígenas, os Pankararé que vivem na região semiárida do estado da Bahia, e indígenas Pankararú localizados no interior do Estado de Pernambuco Nordeste do Brasil (COSTA-NETO, 1999; LIMA *et al.*, 2010). Na zooterapia dos indígenas Pankararé, foi registrado 49 etnoespécies, distribuídos em 5 categorias, tais como insetos, mamíferos, aves, répteis e anfíbios. Estes recursos faunísticos são empregados na elaboração de remédios para tratar de diferentes doenças existentes entre os Pankararé, como descreve Costa-Neto (1999). Na medicina tradicional dos indígenas Pankararú, do interior de Pernambuco, foi registrado 51 etnoespécies de animais usadas tradicionalmente, destes animais são extraídos 56 recursos zooterapêuticos para tratar de 25 enfermidades acometidas entre os indígenas Pankararus, conforme registra Lima e Santos (2010).

De acordo com o estudo documentado por Silva (2008), no rio Negro, Amazonas Brasil, foram registradas 59 espécies de animais com propósitos medicinais, distribuídas entre as espécies de mamíferos, répteis, peixes, invertebrados e anfíbios, usados na medicina caseira dos ribeirinhos para tratar de doenças respiratórias, circulatórias, cardíacas, reumatismo, e como cicatrizante.

Entre outras contribuições para o fenômeno da zooterapia, como Silva *et al* (2003), descreve sobre o uso da fauna medicinal no Recife, tal estudo foi realizado em mercados públicos recifenses, onde registraram cerca de 18 categorias de animais, usadas na medicina popular, para tratar de 12 enfermidades. Outros trabalhos científicos, que caracterizam o uso de animais, Moura e Marques (2007), descreveram o uso de animais medicinais em uma população afrodescendente na Chapada Diamantina, Bahia, foram descritas 52 espécies de animais de uso medicinal

no sistema tradicional dos Afrodescendentes, tais animais fornecem 72 matérias-primas para o tratamento de 39 enfermidades.

No Estado da Bahia, foram registrados 95 animais medicinais, os dados registrados sobre o uso de animais para fins medicinais, resultaram da participação de 41 estudantes, provenientes de 21 cidades do interior do estado (COSTA-NETO, 2008). Entre outros estudos zoterápicos, apoiamo-nos em Alves e Dias (2010), que revela ao menos 81 espécies de animais invertebrados de cinco grupos usados para tratar de diferentes doenças, sendo 34 espécies de invertebrados são empregadas no tratamento da asma, para tratar de outras variedades de enfermidades usam os insetos. Lima e Severino (2018), também registraram 17 espécies de animais para fins medicinais, usados por populações da zona rural do município de Jaçanã (RN), para o tratamento de 35 enfermidades.

No Brasil, diversos estudos sobre a zooterapia já foram registrados, estes animais são como uma fonte de medicamento, assim como tal, usados como medicamentos, especificamente na Amazonia Legal, norte do Brasil, a zooterapia é uma prática comum entre os indígenas e não-indígenas, incluindo as plantas medicinais, tais recursos naturais, são fundamentais para o tratamento e cura das doenças (SANTOS, 2017).

2.1 Zooterapia: Visão cosmológica Munduruku

Os recursos zoterapêuticos de importância medicinal, provenientes de animais, são úteis para combater vários males do corpo, porém, nem todos os animais possuem finalidades curativas, por sua vez, a maioria são úteis apenas para o consumo. Nesta perspectiva, a zooterapia Munduruku pode ser entendida como uso de partes e/ou derivados diretamente de animais, como por exemplo, banha, fígado, unha entre outros, como crânio e ossos, tais recursos de origem animal, são utilizados pela maioria dos indígenas. Porém, o uso de animais é feito a partir da determinação do pajé ou por indicação dos mais velhos, na maioria dos casos, o único que pode recomendar o uso de animais é o pajé, porque esse papel é desse especialista (MOURA *et al.*, 2007; ALVES *et al.*, 2010; LIMA *et al.*, 2018).

No contexto cultural Munduruku, os recursos naturais tanto faunísticos quanto de plantas medicinais, surgem como a primeira opção de tratamento, especificamente

para as populações indígenas, sua utilidade pode ser indicada para o tratamento de doenças que surgem naturalmente e doenças da dimensão espiritual que também podem ser denominados de bicho, para os Munduruku “bicho” significa *Kaoxi*, doença de origem cósmica, as doenças cósmicas, são aquelas causadas pelos seres invisíveis, e não são diagnosticadas, mesmo com a ajuda de aparelhos biomédicos, na crença Munduruku (ALVES *et al.*, 2010).

Kaoxi são doenças invisíveis ao olho humano, além de não ser diagnosticada pela biomedicina, ela não é tratável pela medicina convencional, o que necessita de uma atenção específica de um especialista como o (*Wamomoyũ*), traduzido significa pajés. O processo de tratamento e cura de enfermidades, primeiramente requer uma consulta com o pajé, após a consulta, ele poderá indicar uma das seguintes recomendações de uso ao indivíduo, como por exemplo, banhos, defumação, chás, na maioria das vezes é solicitado que o indivíduo faça aquecimento do corpo com vapor de água quente, juntamente com ingredientes tanto de plantas quanto de animais medicinais (COSTA-NETO, 2005).

Conforme Silva (2008), o processo de tratamento e cura de doenças, podem variar de acordo com o tipo de doença, tanto de causa natural ou cósmica. O tratamento com estes recursos provenientes de animais, são retirados de partes específicas do corpo de animais abatidos, ou utilizados na produção de remédios tradicionais, além disso, alguns materiais construídos por estes animais, também possuem utilidade medicinal, usados para o tratamento e prevenção de doenças acometidas aos seres humanos” (COSTA-NETO, 2008, p. 1640).

Nesta perspectiva, o uso de animais entre os indígenas ocorre ancestralmente, cabe destacar que os mesmos não são apenas uma fonte de alimento, mas também de importância medicinal, boa parte dos animais, podem ser aproveitados como por exemplo o crânio, dentes, osso, pele e a carne para consumo. No cenário atual, o crânio da anta, por exemplo, é utilizado em rituais praticado pelos Munduruku, a partir do osso da canela do veado fabricam pontas de flechas e outros utensílios como pulseiras, dos dentes fabricavam colares, principalmente de macacos, a pele ou couro era usado para se proteger do frio.

As práticas tradicionais relacionada ao cuidado em saúde, emergiu-se bem antes do domínio dos ocidentais, portanto, os povos tradicionais principalmente os

Munduruku da região norte Brasil, dedicaram-se praticar o uso dos recursos naturais com mais frequência, foram especificamente por conta de doenças desconhecida, introduzidas por agentes nacionais, que remontam à segunda metade do século XVIII, na contemporaneidade, estes recursos são utilizados especialmente para tratar da saúde individual, coletiva e comunitária (MELO; VILLANUEVA, 2008).

Atualmente, os animais têm importância, não apenas como fontes de alimento, mas também de importância medicinal, o uso desses animais, representa como a primeira alternativa de tratamento para os grupos étnicos. A zooterapia, ou uso de animais, é imprescindível para os Munduruku, principalmente para tratar dos problemas de saúde e de sua coletividade. Segundo os Munduruku, a utilização dos recursos a partir de animais, só deve ser feito quando orientado por especialistas pajés (*Wamomoyü*) e acompanhado por ele (COSTA-NETO, 2008).

3 DADOS GERAIS DA POPULAÇÃO MUNDURUKU

13.1 Localização da terra indígena e população

Figura 1 – Terra Indígena Munduruku, no sudoeste do Pará.



Fonte: MELO; VILLANUEVA, 2008, p. 19.

¹ **Figura (1)** - Terra Indígena Munduruku localizada no sudoeste do Estado do Pará, no Município de Jacareacanga (MELO; VILLANUEVA, 2008).

Figura 2² – Limite da Terra Indígena Munduruku, Terra Indígena Sai Cinza e Terra Indígena Kayabi



Fonte: MELO; VILLANUEVA, 2008, p. 20.

² **Figura 2** - Terra Indígena Munduruku faz limite a noroeste com a Terra Indígena Sai Cinza e a sudeste com a Terra Indígena Kayabi (MELO; VILLANUEVA, 2008).

Atualmente, a população indígena Munduruku, concentra-se em Terras Indígenas (TIs) legalmente demarcadas pelo governo, de acordo com a FUNAI, essas áreas representam 13,75% do território brasileiro. Existem outras que ainda permanecem sem o reconhecimento legal de suas terras e muitos indígenas vivem nos centros urbanos de cidades, no sentido pejorativo: os desaldeados. Considera-se que a maior parte da população Munduruku encontra-se na Amazônia Legal, distribuídos em 16 TIs, situados nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, de acordo com o Ministério dos Povos Indígenas e Rocha e Loures (2020).

Segundo Rocha e Loures (2020), a estimativa da população Munduruku é de aproximadamente 14 mil indígenas, no alto e médio Tapajós, vivendo em mais de 150 aldeias ao longo do curso do rio Tapajós. Na aldeia Sai Cinza, vivem mais de 1070 famílias. Sai Cinza é considerada uma referência para as demais aldeias, e devido a sua proximidade com o município de Jacareacanga, os Munduruku se deslocam de suas aldeias para as cidades, atraídos na maioria das vezes relacionado aos estudos (por ser ofertado apenas as séries iniciais ao 9º ano do ensino fundamental e o ensino médio modular, respectivamente), como também o tratamento de sua saúde, emissão de documentos, oportunidade de emprego, pagamentos tanto empregatícios quanto de aposentadoria e benefícios sociais cedido pelo governo. As TIs são ocupadas basicamente pelos indígenas da etnia Munduruku, Kayabi, Apiaká, Tembé e Kayapó. Esses grupos étnicos, residem geralmente nos afluentes de rios, cachoeiras e igarapés navegáveis e nos campos denominados de savana (GARNELO *et al.*, 2012 e MELO *et al.*, 2008).

3.2 Contato do não-indígena com Munduruku

Antes da chegada dos invasores europeus às Américas, o território hoje conhecido como Brasil, já era habitado pelos nativos. O contato das civilizações não-indígenas com indígenas Munduruku remonta a partir da segunda metade do século XVIII. Os Munduruku na época, realizavam expedições de guerra, confrontavam seus inimigos, travavam guerras entre outros grupos de indígenas. Posteriormente, passaram a atacar acampamentos de colonizadores portugueses que se encontravam inseridos nas margens dos rios (SCOPEL *et al.*, 2017 e MELO *et al.*, 2008).

Nesse contexto, surgem vários problemas no que diz respeito ao aspecto cultural dos grupos étnicos, precisamente a partir dos primeiros contatos interétnicos, essas relações entre os não-indígenas com os povos tradicionais, desencadeou trágicas mudanças que impactaram diretamente a vida e o convívio social e cultural dos povos indígenas. Principalmente no que diz respeito às doenças endêmicas da época, que foram disseminadas por agentes nacionais, muitos morreram vítimas de doenças, porque não tinham conhecimento sobre as doenças, muito menos de como tratá-las ou curar suas enfermidades, na atualidade, essas doenças ainda permanecem desconhecidas. Entre outros antecedentes como o extermínio dos povos tradicionais, chegaram a matar um terço da população nativa da América do Sul (GARNELO; PONTES, 2012).

3.3 Organização do povo Munduruku

No passado os Mundurukus eram chamados de formigas vermelhas, devido praticarem a expedição de guerra, por sua vez, este povo apresenta dois grupos de clãs, divididos em clãs brancos e os vermelhos. Os clãs podem estar representados por diferentes seres da natureza, como animais de habitat terrestres, aquáticos, pássaros e árvores. Entre ambos os clãs são permitidos a união, na cultura Munduruku, o casamento entre o mesmo clã não é permitido, ou seja, vermelho com vermelho e vice-versa, o filho(a), sempre herdará o clã paterno (ou seja, são um povo baseado na patrilinearidade), entre outras regras básicas da etnia Munduruku. O homem indígena ou aquele que constituiu família, este fica responsável por zelar e cuidar da família, fazer a manutenção da casa, e outras atividades como, brocar roça para plantio de mandioca, e dependendo da espécie, o plantio também é feito pelas mulheres, mas cabe ao homem caçar e pescar ((SCOPEL *et al.*, 2017 e MELO *et al.*, 2008).

3.4 Aspecto cultural Munduruku

Os povos tradicionais, após o contato com os invasores europeus, foram impactados de forma direta e indiretamente em seus aspectos culturais. No que concerne ao conjunto de valores, crenças/rituais e costumes do povo Munduruku, tiveram grandes modificações, principalmente após a inserção dos não-indígenas nas

aldeias, como os agentes de Serviço de Proteção ao Índio (SPI), e missionários, que impuseram regras doutrinárias aos indígenas. Com a inserção da cultura ocidental, iniciou-se a extinção de alguns saberes culturais do povo Munduruku. Mas, apesar das modificações impostas pela sociedade ocidental aos povos nativos, os Munduruku permanecem com muitas de suas práticas tradicionais intactas, como em seus sistemas médicos tradicionais, ou seja, não perderam sua cultura, utilização os recursos naturais para tratar da saúde individual, coletiva e comunitária, em casos mais específicos de doenças, recorrem aos medicamentos, para tratar de sua saúde os indígenas utilizam as duas formas de tratamento (MELO; VILLANUEVA, 2008).

As práticas tradicionais não se restringem apenas no que diz respeito ao uso de animais medicinais ou plantas, entre os Munduruku ainda é possível se ver algumas práticas, descritas brevemente a seguir.

Entre as práticas da cultura Munduruku, não menos importante, é a prática da atividade de pesca, que dura em média de uma semana, onde participam homens, mulheres e jovens, nesta atividade, os indígenas colhem tanto frutas, plantas medicinais quanto animais para o consumo e partes destes animais são aproveitados para uso medicinal. Esta prática ritualística ocorre no mês de setembro, e acontece uma vez por ano, e conta com a participação de indígenas de várias aldeias. Em geral, a organização da atividade de pesca é realizada pelas lideranças indígenas, como os caciques, onde reúnem-se com a comunidade (aldeia) para comunicá-las sobre o evento. As lideranças escolhidas têm funções específicas, como tirar a raiz do timbó, levar até o local (rio escolhido), organizar o timbó em maços para serem batidos (amassados), após este processo, o timbó é levado para a cabeceira do igarapé, para ser dissolvido (lavado) em águas correntes, o que facilitará a captura do peixe. Porém, antes de todo o processo, realizam-se as brincadeiras, que começam na aldeia pelo menos com uma semana de antecedência antes da tinguijada, e se encerra no ato quando os homens estão amassando o timbó com cacetete sobre a árvore. A maioria dos mundurukus que participam da atividade coletiva de pesca são jovens, divididos em grupos, tanto homens quanto mulheres indígenas que participam da brincadeira, sendo que todos se inserem na atividade. A brincadeira tem como finalidade passar o leite de sorva ou urucum no rosto e no cabelo do oponente, e levando em consideração o clã, ou seja, o indivíduo do mesmo clã, não pode ser seu oponente.

Esta brincadeira tem como objetivo alegrar os peixes e obter fartura durante a pescaria, conforme Instituto Socioambiental e, Melo e Villanueva (2008).

Entre outros eventos como o da manicuera, realizado exclusivamente por mulheres indígenas, a preparação do mingau denominado de manicuera, é feito a partir da mandioca doce. As mulheres mais velhas ficam responsáveis pela preparação do mingau e durante seu cozimento. Outras mulheres mais jovens, ficam encarregadas de doar um cesto de mandioca doce, inhame, cará preto, mucajá ou macaúba, banana comprida verde, tais ingredientes cedidos é a mistura para o mingau. As mulheres contribuem de forma coletiva para a manicuera até o encerramento do evento, como descascar a mandioca doce, espremer a massa para extrair o suco que ela possui. Após o seu preparo, o mingau é consumido ritualmente da seguinte forma: os primeiros convidados a tomar o mingau são os grupos de indígenas mais velhos incluindo idosos, posteriormente as mulheres, em seguida os mais jovens tanto homens quanto mulheres, por último as crianças. Porém, o mingau da manicuera é feito especificamente em eventos ritualísticos como o xamanismo praticado pelos pajés, estes atores se relacionam com as entidades não-humanas, com os espíritos de animais, da natureza e humanos, além disso, os músicos indígenas, fazem seus cânticos para agradar essas entidades, em geral o ritual tem como objetivo garantir uma vida plena aos indígenas, além de curar doenças, como também restabelecer o equilíbrio entre o mundo natural em que vivem e o cósmico. Nestes rituais xamânicos, utilizam a cabeça (crânio) de anta, o crânio é usado para atrair os espíritos, tanto da natureza quanto dos animais e humanos (espíritos indígenas), o ritual é praticado pelos anciões, como pajé (*Wamomoyũ*) e músicos nativos, que cantam para os espíritos durante o ritual, o crânio torna-se o local de atração dos espíritos (SCOPEL *et al.*, 2017).

Nesses rituais, legitimava-se o papel do xamã, visto como responsável pelo bem-estar de toda a coletividade (Murphy, R., 1958, 1960). Neles, o xamã alinhava crânios de animais, derramando-lhes uma bebida doce à base de mandioca. Segundo Menget (1996), ao mobilizar crânios como símbolos rituais para agradar à mãe da caça, os Munduruku evocavam a noção de que cada animal possuía um espírito protetor capaz de vingança, de causar doenças e de roubar almas, e que o papel do xamã era o de conciliar os humanos e os espíritos protetores dos animais (SCOPEL *et al.*, 2017, p. 97).

Dessa maneira, compreende-se que o papel do pajé é fundamental, pois ele é que devolve todos os espíritos em seu devido lugar, o ritual é praticado para alinhar

os espíritos tanto da floresta, animais e humanos, tendo como objetivo promover o bem-estar dos indígenas. O ritual acontece de uma a duas vezes ao ano, quando solicitado pelas lideranças indígenas da mesma aldeia ou de outras (SCOPEL *et al.*, 2017).

3.5 Cosmologia Munduruku

Os pajés exercem um papel imprescindível nas práticas religiosas. Por sua vez, estes possuem conhecimentos e habilidades para lidar com as forças sobrenaturais que afetam o cosmo, uma vez que esses atores atuam diretamente sobre o equilíbrio tanto do cosmo quanto de plantas, animais, espíritos e outros seres não humanos que habitam os espaços, da floresta, e do mundo subaquático e subterrâneo. Os desequilíbrios podem gerar catástrofes ao mundo natural, conseqüentemente o surgimento de doenças, escassez de alimentos, como peixes e animais, afetando direta e indiretamente o espaço geográfico onde os indígenas vivem (SCOPEL *et al.*, 2017).

Os pajés são especialistas detentores do conhecimento, para os Munduruku, esses atores são considerados como um médico, cuja função é cuidar da saúde por meio de seus conhecimentos medicinais, através de indicações do uso tanto de animais medicinais quanto de plantas medicinais. Além de outros especialistas detentores do conhecimento como, as parteiras, puxadores(as) e raizeiros(as) (MELO; VILLANUEVA, 2008).

3.6 Sistema produtivo: Agricultura Munduruku

O sistema produtivo de alimentos entre os Munduruku é um trabalho intrafamiliar, a divisão das atividades ocorre da seguinte forma, os homens ficam responsáveis pelas atividades braças mais pesadas, como a derrubada para abertura roça, coivara, o plantio é atribuído tanto aos homens quanto as mulheres, assim como a manutenção da roça e colheitas são atividades de todos os membros da família, como por exemplo a colheita da mandioca, está por sua vez, é uma das plantações mais abundantes entre os Munduruku, entre outros como bananeiras, inhame, cará doce, abacaxi, cana de açúcar, milho e melancia, todos de espécies variadas. As roças são construídas em locais distantes, aproximadamente de três a cinco km da

aldeia e principalmente em terras pretas, para os Munduruku, estes solos são extremamente férteis para a agricultura (MELO *et al.*, 2008 e GARNELO *et al.*, 2012).

Para a sua sobrevivência os Munduruku tiram seus sustentos dos recursos naturais, como de rios, lagos, igarapés, usufruem de plantas frutíferas, além disso, praticam atividades de caça, estes recursos naturais mantém o sustento familiar e da comunidade em geral, contribuindo para a manutenção da saúde individual, coletiva e comunitária. Entre os Munduruku, usufruir dos recursos naturais é uma prática comum destes povos, ocorrendo desde seus ancestrais (MELO; VILLANUEVA, 2008).

3.7 Organizações Munduruku

Desde o início dos anos de 1970 começaram, timidamente, a surgir formas novas de organização indígena, diferentes das organizações tradicionais de cada povo (HECK *et al.*, 2005, p. 251). No contexto atual, conforme o Instituto Socioambiental (ISA), o órgão que representa o povo Munduruku, estão a Associação indígena Pusuru, Conselho Indígena Munduruku do Alto Tapajós (CIMAT), ambas criadas em 1991, sediadas no município de Jacareacanga. A Pusuru, tem como meta lutar pelos direitos do povo Munduruku, demandas que atendam desde sua forma se organizar tradicionalmente, a valorização cultural, e reivindicações relacionadas a demarcação de terras, defesa do território tradicionalmente ocupado, preservação do meio ambiente, bem como a questão de saúde e da educação, entre outros problemas decorrentes na área indígena. A Associação Pusuru, também tem articulado com outras organizações indígenas, como a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), APIB e CIMI, entre outras organizações que defendem a causa indígena no contexto nacional (MELO; VILLANUEVA, 2008). Juntamente como o Movimento Ipereg Ayu, articulam e exercem um papel importante, atuando em defesa dos direitos do povo Munduruku, contra construções de barragens e exploração dos recursos florestais pelos não-indígenas. Tal movimento é a marca da força e resistência Munduruku, seu foco é atuar contra grandes projetos governamentais, frente às invasões ou violações humanas, ambientais, econômicas e culturais das aldeias indígenas ameaçadas, conforme o Movimento Ipereg Ayu.

Dentro das aldeias existem outras associações Munduruku, distribuídas em diferentes aldeias e algumas sediadas no município de Jacareacanga - PA. A

Associação das Mulheres Munduruku Wakoborün, está dedica-se em defesa dos direitos das mulheres indígenas e do território Munduruku, atuando contra projetos, como barragens, hidrovias, ferrovias e mineração, além de invasão de madeireiros, que possam intervir na vida dos Mundurukus, conforme Front Line Defenders. Entre outras destaca-se a Associação Dauk, Associação Dace, Associação Arikico, Associação Wuyxaxíma, Associação Aro, Associação Warorebu; Associação CIMAT, Associação Pariri, Associação Koropsare, Associação Poxokaukau.

A Associação Pusuru, e entre outras entidades, tem como objetivo organizar eventos conhecidos como Assembleia Geral do Povo Munduruku, ou workshop, o evento é realizado uma vez por ano nas aldeias. Nessas assembleias, reúnem-se representantes de aldeias indígenas, como os caciques(as), professores(as) indígenas, representantes da Funai, da saúde e os profissionais indígenas que atuam na saúde. Juntamente com a comunidade, elaboram propostas de projetos, debatem, posteriormente apresentam as propostas para serem aprovadas com o consentimento de todos os representantes. Nas assembleias gerais, são levantadas questões sobre o sistema de saúde indígena, da educação, produção que geram economia e proteção territorial. Sendo que ambos os temas supracitados agregam importância, em particular, o tema de maior importância para os Munduruku é a educação, Instituto Socioambiental (ISA).

Atualmente a maioria das aldeias Munduruku possuem escolas no estilo padrão da sociedade não-indígena, contendo uma equipe de profissionais como diretor, secretário, pedagogos e professores indígenas e não-indígenas, porém, nas aldeias menores, as escolas são construídas pela própria comunidade para dar início ao ensino de crianças a partir de 5 anos. O ensino escolar nas aldeias inicia-se a partir do pré-escola (Pré - I; II) ao 9º ano do ensino fundamental, porém, o ensino infantil que compreende do pré-escola ao 5ºano, essa etapa inicial de ensino, é ministrada somente pelos professores indígenas bilíngues, sendo que nessa faixa etária é extremamente importante que as crianças aprendam mais exclusivamente de seus aspectos culturais, a partir do 6º ao 9º ano é que a uma interação com os professores não-indígenas.

As escolas indígenas, seguem tanto o modelo de ensino estabelecido pela secretaria municipal de educação quanto o ensino introduzido por eles, como as

disciplinas de Cultura Identidade e arte, incluindo outras atividades desenvolvidas pela escola, relacionados aos aspectos culturais do povo Munduruku, nessa lógica, um ensino diferenciado. Além do ensino fundamental nas aldeias, é ministrado o ensino médio modular do 1º ao 3º ano, essa modalidade de ensino é administrada pelos professores não-indígenas, o órgão responsáveis por encaminhar esses professores para as áreas indígenas é o estado (MELO; VILLANUEVA, 2008).

Vale ressaltar que nas aldeias, ainda não possui escolas do por parte do governo do estado, o público de alunos indígenas, encontra-se bastante precário em termos de escola, majoritariamente estudam em casas cedidas, creches tanto da escola quanto de igrejas, e quando não a espaços para ministrar as aulas, estudam em embaixo de árvores. Através dessa ferramenta chamada de educação, os povos tradicionais reivindicam por seus direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988. Após diversas lutas, foram reconhecidos como cidadãos de direitos, principalmente em relação a reconstrução de seus aspectos identitários e culturais. Por meio de reivindicações buscam melhorias no que diz respeito à saúde, educação, proteção dos territórios legalmente demarcados ou ocupados e proteção do meio ambiente (HECK *et al.*, 2005).

Contudo, as escolas fizeram com que os indígenas partilham seus conhecimentos de forma mais efetiva, ao mesmo tempo contribuiu de forma positiva, preparando os indígenas para a sua integração com a sociedade não-indígena, para que tenham autonomia no seu modo de pensar e agir, bem como da autogestão de seus territórios, tornando-lhes de modo criativo e críticos, em todos os aspectos culturais da vida cotidiana do povo Munduruku. As escolas são essenciais, estes espaços preparam os indígenas, integrando-os à sociedade, uma vez formado, este pode contribuir com os interesses da comunidade indígena, ou lidar com as imposições governamentais, frente às ameaças de seus repositórios culturais e da comunidade em geral (MELO; VILLANUEVA, 2008).

3.8 Saúde indígena Munduruku

É complexo refletir sobre a saúde indígena, pois está abrange desde a cosmografia, ou seja, a visão cosmográfica Munduruku sobre as formas de adoecer, tratar, curar e recuperar a sua saúde, nesta perspectiva, as práticas de autoatenção

em saúde, particularmente exercidas pelos pajés e outros detentores do conhecimento, são fundamentais no exercício de manter o bem-estar da saúde individual e coletiva (SCOPEL *et al.*, 2017). Uma vez que estes atores (pajés) são os únicos que mantêm um conjunto de saberes e imprescindíveis nas práticas de autoatenção da coletividade. As atribuições do pajé, não se limita apenas no diagnóstico de doenças agudas ou crônicas, mas em geral, abrangendo um conjunto de saberes, articulando e precavendo de modo preventivo (MELO; VILLANUEVA, 2008).

Segundo Langdon (2013) e Scopel (2017), o conceito de autoatenção definida por Menéndez abrange: “as representações e práticas que a população utiliza tanto individual quanto socialmente para diagnosticar, explicar, atender, controlar, aliviar, suportar, curar, solucionar ou prevenir os processos que afetam sua saúde” (LANGDON, 2013, p. 1026). Os saberes de autoatenção em saúde entre os Munduruku, encontra-se evidente e constantemente praticadas dentro de suas aldeias.

No cenário atual, o exercício de tais saberes e práticas culturais em alguns setores de atendimento em saúde, ainda permanece restrita, ou seja, os valores culturais étnicos, ainda permanecem sendo ignorados, bem como a sua forma de organização política e cosmológica destes povos. Entretanto, essas ações impostas pelo estado brasileiro, violam os direitos dos povos indígenas de exercer seus saberes (SCOPEL *et al.*, 2017). Essas barreiras podem ser encontradas nos diversos setores tanto na saúde quanto na educação, contudo, persistem até os dias atuais. Apesar dos avanços nas diretrizes da PNASPI, de uma atenção à saúde diferenciada, levando em consideração as especificidades culturais, e além de incorporar indígena nas etapas do processo de planejamento, execução e avaliação das ações de serviço em saúde. Contudo, reconhecendo a eficácia de sua medicina e o direito desses povos à sua cultura (BRASIL, 2002, p. 13). Nesse contexto, a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), recomenda respeitar “às concepções, valores e práticas relativos aos processos saúde-doença próprios de cada sociedade indígena e a seus diversos especialistas” (BRASIL, 2002, p. 18).

Segundo Brasil (2002) o sistema de saúde indígena está organizado na forma do Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), sob a gestão da Secretaria

Especial de Saúde Indígena (SESAI), as equipes dos distritos são compostas por médicos, odontólogos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e agentes indígenas de saúde (AIS), além de antropólogos e engenheiros sanitaristas, entre outros. A atenção básica nas aldeias polos é realizada por enfermeiros, auxiliares de enfermagem, microscopistas, AIS e Agente Indígena de Saneamento-AISAN.

Os profissionais de saúde que atuam em áreas indígenas, permanecem em média de uma quinzena dentro das aldeias. Os Pólos-Base de saúde das aldeias, por intermédio do DSEI/SESAI, visam facilitar o acesso aos indígenas às ações e serviços básicos de saúde, bem como a nível regional, de acordo com as necessidades do paciente, ou seja, os atendimentos mais complexos, onde requer uma atenção especializada, os pacientes são encaminhados para o município de referência, estas instâncias compreende-se a atenção primária, secundária e terciária à saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), nesses níveis implica na remoção do paciente da aldeia de origem (BRASIL, 2002).

No cenário atual, principalmente onde os Munduruku que têm uma relação mais estreita com a população não-indígena, surgiram vários problemas de saúde, impactando diretamente o modo de vida e a questão alimentar das populações indígenas, relacionado a isso, o aumento as doenças crônicas, como a hipertensão arterial, diabete, câncer, alcoolismo, depressão, um dos casos mais frequentes e o suicídio e homicídio de indígenas, com base Brasil (2002).

Além disso, os problemas ambientais, relacionados às práticas de atividades ilegais do garimpo em áreas indígenas, vem impactando direta e indiretamente à vida e a saúde da população Munduruku, em decorrência das atividades ilícitas, destaca-se a poluição de rios e a contaminação de animais aquáticos por mercúrio, a violência intrafamiliar, aumento considerável de bebidas alcoólicas e casos de suicídios e homicídios, entre outros, como o aumento da disseminação de malária, dengue, diarreia e disenteria, além de doenças causadas por infecção respiratória, como a gripe, pneumonia e a mais recente a Covid-19, com base WWF-Brasil e Rocha e Loures (2020). Em fevereiro de 2020, início da pandemia, o vírus se propagou de forma muito rápida nos cinco canto da região do Brasil, nos territórios tradicionais, uma das principais causas para a disseminação do SARS-CoV-2, foi pela falta de

controle sobre a circulação de pessoas envolvidas com o garimpo, incluindo missionários, indigenistas e profissionais da saúde (ROCHA e LOURES, 2020).

Embora que o sistema de saúde indígena seja bastante “organizado”, garantindo aos povos indígenas o acesso integral à saúde, conforme os princípios e diretrizes do SUS, os problemas de saúde e estruturais ainda persistem, portanto, os órgãos e entidades do Ministério da Saúde, necessitam rever e reavaliar o objeto da política aprovada, solucionar o problema e colocar em prática de acordo com a teoria proposto pela PNASPI (BRASIL, 2002).

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Este trabalho teve como objetivo descrever sobre o uso de animais na medicina tradicional Munduruku (zooterapia), inseridos nos processos de tratamento e cura de doenças no contexto dos saberes e práticas tradicionais em saúde.

4.2 Objetivos Específicos

Identificar as práticas tradicionais no que diz respeito ao uso de animais nos processos de saúde-doença-cura, praticadas no cotidiano da população Munduruku do alto rio Tapajós.

Classificar os tipos de animais e suas partes que mais se empregam nos processos de saúde-doença-cura (SILVA *et al.*, 2008).

5 RELATO DA EXPERIÊNCIA - ENTREVISTA COM MUNDURUKU

O presente relato, conta a experiência praticada pelo povo Munduruku sobre o uso de animais medicinais. Durante a minha estadia na comunidade indígena Sai Cinza, localizada próximo do município de Jacareacanga, no sudoeste do Pará. Em entrevista foi perguntado sobre o que os Mundurukus entendiam por saúde, em uma das falas na entrevista, foi dito o seguinte:

É quando não estamos doentes, é quando a nossa saúde está bem, assim, podemos dizer que estamos bem de saúde. Quando todos os nossos parentes estão bem, eu acho que é isso. Quando temos algum parente doente, nesse caso, todos nós estamos doentes. Para termos saúde, todos devem estar bem, parentes e netos.

Para os mundurukus, a saúde não parte apenas do bem-estar individual, mas de todo um conjunto coletivo, desde o espaço, ou seja, do ambiente onde vivem, e o modo como eles se relacionam com a natureza, saúde é estar em harmonia, tanto com mundo físico, quanto o espiritual, devendo todos estar em seu devido lugar. Nesta lógica, afirmam que só há saúde quando todos estão bem, ressaltando que, quando têm um parente doente, independente de que seja criança ou adulto, nesse sentido, todos estão doentes. Em outros relatos diz que, “saúde é quando estamos bem, [e] ter uma boa alimentação”, uma vez que a alimentação é imprescindível para a manutenção da saúde, a ausência de alimento, também pode impactar diretamente na saúde dessas populações.

Em relação a alimentação, um dos entrevistados, relatou que os alimentos produzidos dentro da aldeia, possuem valor energético e nutricional, dentre este, está a farinha, tapioca e banana, alimentos próprios da aldeia e são a base da sobrevivência dos Munduruku.

A maioria dos entrevistados, definiram que “saúde é ausência de doenças, [é] quando estamos bem de saúde”, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), diz que “Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade” (SCLIAR, 2007, p. 36,37).

A seguinte pergunta orientadora, era sobre o que os indígenas entendiam por doença, para os mundurukus e Barreto (2017) que também traz essa questão da doença, relataram que as doenças, não se restringe apenas ao aspecto biológico, ou seja, doenças conhecidas pela biomedicina, em certos casos, o sistema biomédico pode até resolver os males da saúde indígena quando diagnosticada precocemente, porém, existem outras doenças que não são diagnosticadas com a ajuda de aparelhos biomédicos, quando se trata de doenças cosmológicas, entre os mundurukus, somente os especialistas pajés (*Wamomoyũ*) podem diagnóstica e fazer o tratamento, em outras palavras, são doenças que olho comum de humanos não consegue enxergar, o dom de ver o outro lado do mundo cósmico, somente os pajés detém essa habilidade.

Dentre determinadas culturas e povos, as formas de adoecer/tratar as doenças, as práticas de cura, são bem semelhantes com os saberes do Munduruku. Levando em consideração Barreto (2017) os “ambientes” como água, terra, floresta e ar, são

habitados por seres cósmicos. Na língua nativa Munduruku a denominação mais comum chama-se de *Kaoxi*, entre outros como *Axik*, *Jurupari*, *Kapido*, *Awaydixi'a* ou *pucaxi*, que traduzido significa espíritos.

Na crença Munduruku, estes espíritos podem ser dominados por *Ibukerêm'at* ou *Ibukaypatcat*, que quer dizer *pajé-bravo*, ou seja, aquele que pratica feitiçaria, estes possuem poderes sobrenaturais, capazes de mexer com a estrutura do cosmo e trazer desequilíbrio para o mundo natural. Como consequência, podem causar adoecimento, a doença muitas vezes está relacionada com o *Kaoxi*, seres existentes do cosmo.

Nessa perspectiva, os especialistas pajés (*Wamomoyũ*), executam um papel fundamental na manutenção da saúde dos indígenas, exercendo o trabalho de um profissional, além disso, atuam no equilíbrio do mundo cósmico, e são popularmente reconhecidos pela sua especialidade de pajé. Os mundurukus, consideram os pajés como um médico, quando o indígena adocece, o primeiro contato que fazem para tratar das questões de saúde é com o pajé, este fica encarregado de dar toda a atenção especial ao indígena até a sua recuperação.

Diante disso, em uma das falas relatadas, fica evidente que o papel do pajé é imprescindível no cuidado da saúde da população Munduruku. Vale ressaltar que, nem todas as doenças são do conhecimento do pajé, ou seja, doenças diagnosticadas apenas pelo sistema biomédico.

A doença está relacionada com o mal-estar do nosso corpo, por alguma coisa, assim dizemos que estamos doentes. Quando adoecemos, nos sentimos fracos, sem ânimo, isso indica que estamos doentes. Se estamos doentes, procuramos logo o nosso doutor, o pajé, é ele que prescreve, receita e orienta como fazer o tratamento com plantas medicinais, o pajé faz o mesmo papel de um profissional de saúde (relato de uma indígena Munduruku)

Para o Munduruku, o adoecimento pode originar tanto de causas naturais quanto cosmológicas. Para os indígenas, os maléficis do corpo de ordem natural, estão relacionados com dores de cabeça, febre e fraqueza, consequência de trabalhos pesados, ou doenças acometidas por viroses da gripe, a malária e prisão de ventre, seguidas de diarreias, segundo relatos, essas doenças podem ser prevenidas por meio de plantas medicinais, ou através do uso de medicamentos antitérmicos prescrito por um profissional, porém, para as doenças de ordem cósmica, os medicamentos não faz/têm efeito contra o agente patológico.

Em entrevista, nos foi relatado que, crianças, jovens e adultos de hoje, possuem organismos fracos e vulneráveis a determinadas doenças, o que pode estar relacionado com as mudanças no cotidiano dessas populações, levando em consideração, a questão alimentar e as práticas do cuidado em saúde baseadas no saber comum, foram submetidas ao esquecimento ou deixaram de ser praticadas.

Os ancestrais morriam por causas naturais (envelhecimento) ou em guerras, estes guerreiros eram fortes, porque cuidavam de sua saúde desde quando criança, futuramente, ou seja, na fase adulta, o indivíduo raramente adoecia, o processo de tratamento é indicado tanto para as doenças naturais quanto as de origem cósmica, o uso de plantas ou animais medicinais, são específicos para cada caso e conforme a orientação do pajé.

Quando eu ainda não conhecia, que a andiroba era um remédio para dor de cabeça, a minha filha sofreu muito de dor de cabeça, eu aprendi, porque foi uma pessoa que me indicou, que a andiroba era boa para dor de cabeça. Então, a partir dessas orientações que a minha filha começou a usar, o processo de tratamento parecia simples, conforme a orientação, ela pegava a andiroba e passava no cabelo, como se estivesse usando óleo para cabelo. Hoje em dia, ela está bem, nunca mais ouvir ela relatar de dor de cabeça, ela fala que a andiroba acabou com a dor de cabeça que ela tinha, os problemas com dores de cabeça desapareceram definitivamente (relato de uma indígena Munduruku).

Nesse aspecto, segundo Langdon (2013), o contexto sociocultural é relevante para compreender tanto a definição da doença quanto às escolhas das práticas de cura, nesse sentido, a cosmologia de um grupo é um fator na constituição dos itinerários de diagnóstico e tratamento.

6 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO

A presente investigação, baseada na pesquisa de campo, descreve sobre o uso de animais na medicina tradicional. A observação foi realizada em uma comunidade indígena, denominada Sai Cinza da etnia Munduruku, localizada a duas horas de motor rabeta e quarenta e cinco minutos de motor a popa 40Hp do município de Jacareacanga, situada na margem direita do rio alto Tapajós, no sudoeste do Pará.

Nesta comunidade residem mais de 1070 famílias, o sustento dos Munduruku é basicamente da agricultura familiar, majoritariamente do cultivo da mandioca, banana, inhame, cará doce, cana de açúcar e colheita de frutas, bem como da caça e

da pesca, entre outras atividades de cunho econômicas é a produção cestos, balaios, abanos, vassouras, artesanatos e bajaranas ou canoas (LIMA *et al.*, 2010).

A comunidade indígena Sai Cinza, dispõem-se de escola do ensino fundamental, os níveis de ensino ofertados vão desde as séries iniciais ao nono ano, além disso, a aldeia é composta por um posto de saúde ou polo de atenção à saúde, este polo, realizam atendimentos tanto de indígenas que residem localmente quanto de outras aldeias anexas a este polo, e tem como princípio oferecer à atenção básica em saúde aos indígenas que se encontram inseridas com este pólo-base. Nas aldeias, percebe-se que boa parte dos indígenas Munduruku integraram a uma religião cristã ou católica, na aldeia estudada a maioria dos indígenas integraram-se à religião cristã, na atual Igreja Batista administrada localmente.

A escolha dessa etnia para a realização do estudo foi por pertencer a essa etnia, e justamente pela ausência de dados relevantes tanto sobre a diversidade biológica quanto a respeito de como as comunidades indígenas locais utilizam os recursos naturais para o benefício de sua saúde. Um estudo inédito (pioneiro) sobre a zooterapia Munduruku, de autoria do discente indígena do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), sob a supervisão e orientação da docência, do Instituto de Saúde Coletiva (ISCO), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Para participar do estudo, foram adotados os seguintes critérios de seleção, foi selecionado apenas os especialistas nativos de maior conhecimento sobre as práticas zoterapêuticas (uso de animais), como o pajé, puxadores, parteiras e raizeiros mundurukus. Quanto ao critério de exclusão, foram considerados, ser menor de 18 anos e não ter reconhecimento popular sobre as práticas tradicionais. Além disso, os participantes que se encaixavam no estudo, tiveram o livre arbítrio de escolher participar ou não da pesquisa, os que optaram em participar do estudo, foram questionados durante a entrevista, sobre os tipos de animais frequentemente utilizados e cotidianamente empregados em suas práticas tradicionais, para o tratamento e cura de doenças acometidas localmente.

O estudo contou com a participação de 12 informantes da etnia Munduruku, sendo 8 mulheres e 4 homens, entre as faixas de 40 a 70 anos, detentores de maior

conhecimento a respeito do uso de animais medicinais, e que atenderam os critérios de inclusão e concordaram participar do estudo.

6.1 Dados Coletados

O presente trabalho de campo foi desenvolvido em janeiro de 2021, a coleta de dados, sobre o uso de animais medicinais na medicina tradicional Munduruku, foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, o formulário de entrevista conteve 27 perguntas fechadas e abertas, conversas informais com foco no objetivo da pesquisa. Antes de cada entrevista era explicado aos participantes a natureza e o objetivo da pesquisa, após tomar conhecimento acerca do estudo, concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, uma via desse documento permaneceu com o pesquisador e outra com o informante (LIMA *et al.*, 2010; LIMA *et al.*, 2018).

As entrevistas foram realizadas de forma individual, em horários combinados na residência (casa) do participante. As duas primeiras perguntas fechadas, sendo: “*o que você entende por saúde?*” – “*o que você entende por doença?*”, e uma das perguntas abertas ao entrevistado foi: “*conte para mim sobre suas experiências sobre o uso de animais, usados para tratar da saúde dos parentes que procuram seus saberes quando se sentem adoentados?*”, seguida de outras perguntas relacionado ao tema. Os depoimentos das entrevistas foram gravados em um aparelho de celular, resultando em um formato de áudio com uma média de vinte minutos cada e posteriormente transcritos fielmente pelo discente pesquisador (LIMA *et al.*, 2010; LIMA *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2003).

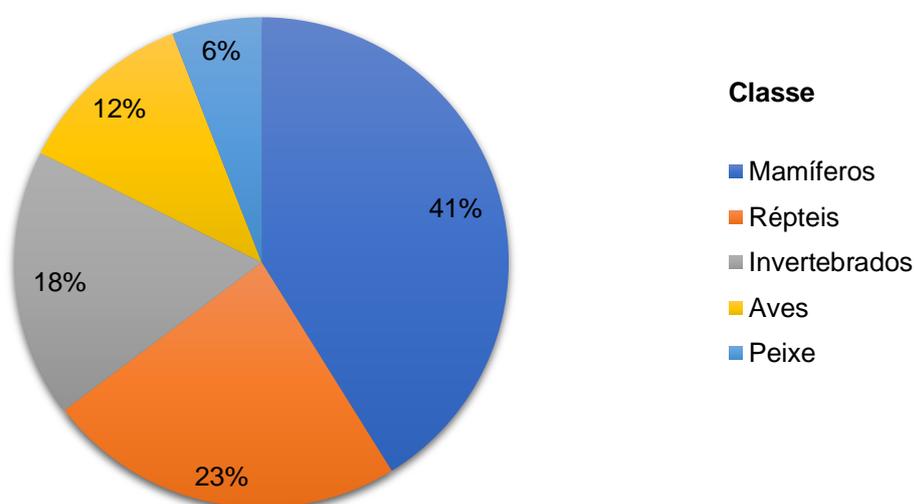
A partir de entrevistas e conversas informais, foram citados um total de 17 etnoespécies de animais utilizado no sistema tradicional da população Munduruku, as espécies estão distribuídas em 04 categorias de animais, tais como mamíferos (n=7)41%, répteis (n=4)23%, invertebrados (n=3)18%, aves (n=2)12%, e peixe (n=1)6%, a seguir conforme o gráfico página (33) e o quadro página (34).

Os derivados destes animais medicinais são empregados no tratamento ou cura de doenças ou enfermidades de ocorrência natural ou cosmológica entre os Munduruku. As partes retiradas de animais, são utilizadas no tratamento de diversas doenças no cotidiano da população Munduruku, como por exemplo, as doenças

respiratórias (problemas do peito), pneumonia, asma, gripe, doenças circulatórias e cardíacas, entre outras como Acidente Vascular Cerebral (AVC), derrame, reumatismo, sendo que a banha de alguns animais, como a banha de sucuri é amplamente utilizada como cicatrizante, e além de ser utilizada por mulheres durante a gestação.

6.2 Frequência de citação de acordo com a classe de animais de 17 etnoespécies.

Gráfico 1 – Frequência de citações por classe de animais³.



Fonte: Elaboração própria.

Entre os informantes entrevistados, no grupo dos répteis a sucuri (*Eunectes murinus*) foi o animal mais citado (08 citações), a parte de utilidade medicinal é a sua banha, um poderoso cicatrizante para cortes cirúrgicos, golpes com utensílios afiados, o indivíduo deve passar a banha em cima do corte, em seguida ingerir (três gotas) de banha misturado com (uma colher de chá de água), além dessa finalidade, a banha é usada para dores musculares como rasgadura, surdez, desmentiduras e doenças reumáticas, também é usado por mulheres durante o período de gestação, em casos

³ O gráfico frequência de citações por classe de animais, foi produzido da seguinte forma, utilizando o programa do Excel, utilizou-se: sinal igual, número de animais por classe, dividido pelo número total de animais, para obter a porcentagem de citações.

de surdez o indicado é que a pessoa deva coloca de (uma a duas gotas) de banha no ouvido.

6.3 Quadro do uso e aplicabilidade de animais terapêuticos

Quadro 1 – Quadro do uso e aplicabilidade de animais terapêuticos

Animais utilizados para fins medicinais em aldeia Munduruku rio alto								Tapajós
Classe	Família	Nome Indígena	Nome popular	Nº de citação	Parte utilizada	Funções de uso	Nome indígena da doença	Doenças tratadas
Mamíferos	Tapiridae	Bio	Anta	4	Banha, Cabeça (crânio); Unha	Dor na costa; Dor de joelho; Dor na perna e juntas; Veruga	Taopipe at kay, Icaca'at kay	Reumatismo; Artrite
	Cuniculidae	Hay	Paca	2	Fel	Usada por mulheres em trabalho de parto para impulsionar a dor; Ajuda a desinflamar e desinfecionar picada de cobra.	Puybu ea ibima ap kay	Picada de cobra
	hystricidae		Porco - espinho	1	Espinho	Crises psicóticas/Epilepsia	Yákpida pipe at kay	Epilepsia
	Didelphidae	Mucura	Mucura (gambá)	2	Banha	Problemas do coração; Usado por mulheres gestantes; Agiliza no processo de nascimento da criança.	Ce'um êm a'gu an'ũgta ap	Parada cardíaca; desmaio
	Caviidae	Wé	Capivara	2	Banha/Osso	Derrame; Paralisia na parte inferior.	ljebit e'um at kay	AVC/Paralisia
	Bovidae	Biopak	Boi	3	Sebo	Usado para massagear; Dor no pesco, Dor na costa, Dor de joelho e penas	taopipe at kay, Icaca'at kay	Artrite
	Ovinos	Bebên	Cameiro	2	Sebo	Usado para massagear; dor na nuca, costa, joelho e penas, ajuda a criança engatinha ou andar mais cedo.	Taopipe at kay, bekitkit daomucanãn xipat.	Dor articular
Peixe	Pamotrygonidae	Iwátup	Arraia	3	Banha do fígado	Problemas respiratórios	Icôcô anãnta âm xipat, Ikũ'ma kerêm at kay xipat,	Gripe; Asma; Rinite
Répteis	Cheloniidae		Tartaruga/ Tracajá	2	Banha	Ajuda regenerar a pele após queimadura; Usado por mulheres gestantes; Agiliza no processo de nascimento da criança.	lxep at kay xipat	Ajuda cicatriza queimaduras
	Testudinidae	Poy	Jabuti	1	Banha	Problemas do coração	Ce'um em a'gua kay xipat	Parada cardíaca
	Boidae	Puyxiribu	Sucuri	8	Banha	Potencial cicatrizante para (corte cirúrgicos, golpe com objetos); Funciona como pomada para rasgadura; Surdez; Desmentidoras; Dores reumáticas; Agiliza no processo de nascimento da criança no ato do parto.	Kise ebuka ibima ap kay, Isũnsên at kay, i'it kap wa'um at kay, Soat kay ma xipat	Reumatismo
Aves	Cracidae	Witô	Mutum	1	Banha; pena	Usada por mulheres gestantes; Agiliza no processo de nascimento da criança no ato do parto; Pena é usada para benzer.	I'it kap wa'um a'gu kay xipat	Agilizar durante o processo do parto
	Phasianidae	Sapokay	Galinha	2	Banha	Agiliza no processo de nascimento da criança no ato do parto; Dor de ouvido.	I'it kap wa'um a'gu kay xipat, Yaopi pipe at kay i.	Agilizar durante o processo do parto; Tratamento de dor de ouvido
Insetos	Formicidae	Wixaday'a	Formiga - cortadeira	2	Formiga	Dor muscular intensa na coxa e panturrilha ou endurecimento da coxa e pernas.	Icaca at kay,	Doença arterial periférica
		Dauk'a	Formiga - correição	1	Formiga	Funciona como mecanismo de proteção do organismo, baixa imunidade.	Icôcô bit cãt kay xipat	Gripe
		Dokobido	Formigas arbóreas	1	Formiga, ninho do formigueiro	Crise psicótica e epiléptica; Desmaio; Dor intensa em partes do corpo; febre.	Yákpida pipe at kay xipat	Epilepsia

Fonte: Elaboração própria.

Silva (2008) também relata que o uso da banha é indicado no tratamento de rasgadura, quebra-dura ou rompimento de estrutura ósseas, sendo um poderoso cicatrizante de golpes, feridas e operações, além de funcionar como antibiótico em processos inflamatórios, respiratórios, entre outros, como a leishmaniose, derrame, reumatismo e inchaço.

No grupo dos mamíferos, a anta (*Tapirus terrestris*) foi o animal mais citado (4 citações), sua banha é utilizada para tratar dores nas articulações ou reumáticas, como dores em partes da coluna, do joelho, nas pernas e nas juntas dos dedos superior e inferior. A outra parte de utilidade curativa como a cabeça (crânio) e a sua unha, o crânio é usado em rituais para chamar os espíritos da natureza, dos animais e humanos, uma prática comumente praticada pelos pajés (*Wamomoyũ*), acompanhado de música nativa, cantam com objetivo de atrair os espíritos, o crânio torna-se a peça fundamental de atração espíritos. Dessa maneira, compreende-se que o papel do pajé é fundamental, pois ele é que devolve todos os espíritos em seu devido lugar, esse ritual é para que a floresta, os animais e os indígenas não venham adoecer, já a sua unha é utilizada para tratar de ínguas, nódulos e bexiga inchada e ajuda eliminar verrugas. Além da finalidade terapêutica, a anta é uma das principais fontes de alimento do povo Munduruku.

Como salienta Silva (2008), a banha de anta é usada para curar problemas respiratórios, como a asma, gripe, pneumonia, além de ferimentos e golpes. Entre outras utilidades, como o pênis dissecado ou quando guardado por longo tempo, e preparados em infusões (chás), indicados para tratar de inflamações, hemorragias puerperais e uterinos. Além de que a unha do animal, utilizada para tratar de tumor ou verruga.

No grupo dos peixes, a arraia (*Potamotrygon*) teve (03 citações), seu derivado de utilidade medicinal é especificamente a banha do fígado, seu uso é indicado para tratar de problemas respiratórios, como gripe, asma e rinite, a banha deve se passada no peito duas à três vezes ao dia, seu uso ajuda a prevenção dessas doenças. Para melhores resultados, principalmente em indivíduos como as crianças, que possuem um sistema respiratório bastante frágil, o indicado é que o uso, deve ser feito nas primeiras semanas de vida do recém-nascido, até o término da banha, podendo ser usado uma ou mais vezes.

No rio Negro, os ribeirinhos fazem uso da gordura de arraia, seu uso é indicado no tratamento de reumatismo e derrame, também fazem uso da banha do fígado, indicada no combate de micoses, como impinge, pano-branco e pano-preto, além disso, a gordura é usada para tratar de problemas puerperais, e no aumento da fertilidade feminina, como registra Silva (2008). O boi (*Bos taurus*) com (3 citações), um dos grupos de mamíferos mais conhecidos, o sebo desse animal é usado para massagear ao puxar desmentaduras (deslocamento de osso), também é usado para dor no pescoço (nuca), dor na costa (coluna), dor no joelho e nas pernas. Como registra Silva *et al* (2003) e Moura *et al* (2007), o boi tem outras finalidades de uso, conhecida como a maçã do boi ou bezoário, seu uso é indicado para o tratamento de alcoolismo e cansaço. Além desta indicação, a raspagem do chifre bovino com água fria, é indicada contra picada de cobra.

A paca (*Agouti paca*) é um animal do grupo dos mamíferos, foi citado (2 vezes), sua utilidade medicinal é especificamente o fel, usado por mulheres em trabalho de parto demorado, seu uso ajuda impulsionar a dor, agilizando no processo de nascimento da criança, o fel deve ser dissolvido de três a cinco gotas em água para ser ingerido, além desta utilidade, seu uso é indicado para desinflamar ou desinfetar picada de cobra, ferroadas de arraia, sendo que este animal é uma das principais fontes de alimento dos indígenas. Silva (2008), também registra que a cabeça da paca é utilizada como amuleto, para facilitar o momento do parto.

Entre outros animais mamíferos, cada um dos animais foi citado de (1 a 2) vezes pelos entrevistados, como por exemplo a mucura/gambá (*Didelphis marsupialis*), a banha deste animal é usado para tratar de problemas do coração (parada cardíaca), desmaios, além de ser usado por mulheres gestantes durante a gravidez para agilizar no processo de nascimento da criança. Entre outras funções de uso, o dente da mucura e da aruanã, enterrados juntamente às árvores, funciona como um estimulador na produção de frutos, como relata Silva (2008).

A capivara (*Hydrochaeris*), tanto a banha quanto o osso, usados no tratamento de derrames (nome popular), e mais conhecido como Acidente Vascular Cerebral (AVC), principalmente paralisia na parte inferior do corpo no estágio inicial.

Marques e Moura (2007) também relataram que os ossos da capivara são utilizados para o tratamento de derrames ou AVC. Além disso, Silva (2008), descreve

que a banha deste animal, tem as mesmas funções de uso da banha de anta, utilizada para tratar de problemas respiratórios e inflamatórios.

O espinho do porco-espinho (*Coendou*) é indicado para tratar de pessoas com crises psicóticas e epilepsia, seus espinhos são utilizados para fazer defumações de indivíduos com esses comportamentos de crises. O uso terapêutico do espinho foi relatado por Silva *et al* (2003), sendo usado para tratar de cansaços ou bronquites em crianças.

O uso do sebo de carneiro (*Ovis aries*) é usado para massagear ao puxar desmentaduras (deslocamento de osso), indicado para dores na nuca, na coluna, no joelho e nas pernas, além de ajuda a criança a engatinhar ou andar mais cedo. A descrição de uso do sebo de carneiro é registrada tanto por Silva *et al* (2003) e Lima *et al* (2010), indicado para tratar de reumatismo, problemas na coluna, inchaços e fraturas.

Na zooterapia Munduruku, a obtenção dos recursos faunísticos se dá mediante seu uso, sendo partes ou produtos extraídos destes animais acima descritos, como a banha de mucura, capivara e sebo de carneiro, juntamente com espinho do porco-espinho e osso de capivara que deve ser queimado, misturar bem e use como pomada, os derivados destes animais são utilizados para tratar de derrame ou AVC, paralisias na fase inicial. Existem sete espécies de quelônios de habitat em águas e três de habitat em terra, desse grupo de répteis foi citada a tartaruga bem como o tracajá ambos possuem as mesmas funções de uso, e o jabuti, todos tiveram duas citações.

A tartaruga (*Podocnemis expansa*), teve duas citações, o uso medicinal é a sua banha, indicada para eliminar manchas na pele, ajuda na regeneração da pele em casos de queimadura, além de ser usada por mulheres gestantes, o uso da banha agiliza no processo de nascimento da criança. Entre outras funções de uso, a banha é usada como cosméticos hidratantes e protetor solar, desmentaduras e inchaços, indicada para o tratamento de reumatismo, artrite e pancadas, conforme registrado por Silva (2008) e Silva *et al* (2003). O jabuti (*Geochelone*), com uma citação, sua banha é indicada para tratar de problemas do coração (paradas cardíacas). Além desta utilidade, Silva (2008) descreve que a o chá da carapaça do jabuti, é indicada para tratar de picadas de serpentes.

Em relação às aves, a galinha doméstica (*Gallus*) citada duas vezes e o mutum com uma citação. A banha de ambas as aves é utilizada por mulheres durante a gestação, seu uso agiliza no processo de nascimento da criança, além desta finalidade terapêutica, a banha é indicada para dores no ouvido, também é indicada para aliviar ou curar a tosse decorrente da gripe, a ingestão da banha pelo indivíduo deve ser feita de 2 ou 3 vezes ao dia. A banha também é indicada no tratamento de infecções respiratórias, como bronquite e pneumonia, como relata Moura e Marques (2007). Nos resultados relatados por Lima e Severino (2018), o uso desse espécime na zona rural de Jaçanã (RN), é indicado no tratamento de treze problemas de saúde, em destaque, como dor de ouvido, garganta inflamada e tosse etc. No estudo de Silva (2008), relata que as penas de diversas aves são empregadas como defumadores, para tratar de enfermidades.

Do grupo de insetos Artrópodes, a formiga-cortadeira (*Atta spp*), a formiga-correição e a formigas arbóreas, foram citadas de (1 a 2 vezes), as formigas-cortadeiras são usadas para fazer defumações, indicada no tratamento de dores intensas tanto na coxa quanto na panturrilha, ou seja, endurecimento instantâneo da coxa e das pernas causando uma dor intensa. A espécie (*Atta spp*), também é utilizada para tratar de garganta inflamada ou dor de garganta e rouquidão, como relata Costa-Neto (2008), Lima e Santos (2010) e Alves e Dias (2010).

Já a utilidade da formiga-correição, funciona como mecanismo de proteção do organismo, seu uso tem como função aumentar a imunidade do indivíduo. O tratamento principalmente em crianças recém-nascidas, deve começar logo na primeira semana de vida, podendo ser utilizada diariamente, durante os banhos da criança, seu uso é mais recomendado para crianças devido seu sistema respiratório ser mais frágil e vulnerável, sua utilidade aumenta a imunidade do organismo, ou seja, protege o sistema respiratórios de contrair doenças respiratórias, como a gripe, e entre outras.

A formiga conhecida, como formigas arbóreas, está espécie são amplamente utilizadas pelos Munduruku, o uso das formigas arborícolas é indicado para tratar de indivíduos com crises psicóticas, epilépticas, desmaio, dores intensas e febre, a parte usada é própria formiga e seu ninho (casa), usadas para fazer defumações em indivíduos com esses problemas, conforme o quadro de aplicabilidade do uso de

animais zoterapêuticos. A seguir, algumas imagens de animais que compõem a zoterapia Munduruku.

Do ponto de visto do Munduruku entrevistado, o saber medicinal sobre o uso de animais eram inexistentes ou não precisavam, porque não existiam doenças, os antepassados quando morriam, eram por causas naturais (velhice) ou por picada de animais peçonhentos como aranhas, cobras, escorpião (lacrau) e ataques de animais selvagens (Munduruku de 51 anos/Aldeia Sai Cinza).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os Munduruku, a zoterapia representa uma prática cultural. Ressaltando que os animais abatidos durante a caçada, geralmente são para o consumo. Entretanto, os animais apresentam múltiplas utilidades, como por exemplo de uso alimentar, medicinal, mágico-religioso, entre outros. Porém, nem todo animal possui utilidade zoterápica, especificamente na zoterapia da população Munduruku, utilizam apenas animais com finalidades zoterapêuticas (SANTOS, 2017; ALVES *et al.*, 2010).

Os derivados de animais são empregados no tratamento e cura das doenças ou enfermidades de ocorrência natural ou cosmológica entre os Munduruku. As partes retiradas de animais, são utilizadas para tratar de diversas doenças que surgem no cotidiano do povo Munduruku, como por exemplo, as doenças respiratórias, pneumonia, asma, gripe, doenças circulatórias e cardíacas, bem como (AVC), derrame, reumatismo, sendo que a banha de sucuri é frequentemente utilizada como cicatrizante, e além de ser utilizados por mulheres durante a gravidez.

O uso dos recursos zoterápicos entre os Munduruku, ocorre principalmente, por acreditarem no potencial terapêutico dos animais (LIMA *et al.*, 2018). A preparação dos remédios tradicionais baseados a partir dos recursos provenientes de animais, pode envolver ou não o uso de plantas medicinais, estes remédios podem ser administrados em conjunto com os medicamentos comuns para aliviar ou curar os males do corpo (COSTA-NETO, 1999).

Neste estudo, o registro zoterápico de 17 etnoespécies de animais utilizado no sistema tradicional da população Munduruku, representa uma forte evidência da

zooterapia, ou prática do uso tradicional dos recursos faunísticos (COSTA-NETO, 1999).

Estes conhecimentos sobre a utilização de animais na medicina tradicional dos Munduruku podem fornecer contribuições relevantes tanto para o fenômeno da zooterapia quanto para as indústrias farmacológicas na descoberta de novos medicamentos, entre outras, como criação de estratégias visando à utilização sustentável desses animais (COSTA-NETO, 1999; LIMA *et al.*, 2010).

Entre os Munduruku, o uso de animais é imprescindível, entretanto, as práticas tradicionais são exercidas ou desenvolvidas pelos pajés ou por pessoas mais idosas, como parteiras, puxadores e raizeiros, estes atores são os únicos que ainda praticam tal modalidade de medicina, porém, tais saberes têm sido menos praticados em função do acesso aos medicamentos, entre outros fatores, como a migração dos indígenas para as cidades em busca de estudos ou trabalho, o que tem promovido o desinteresse e a desvalorização das práticas tradicionais, conseqüentemente a perda dos saberes étnicos (LIMA *et al.*, 2010; COSTA-NETO, 1999; SILVA, 2008).

Nesse contexto, os saberes tradicionais também estão ameaçados de serem extintos. Diante disso, o resgate e a valorização dos conhecimentos tradicionais tanto dos Munduruku e entre outros grupos étnicos são imprescindíveis.

Os setores de atenção à saúde indígena deveriam compreender e articular com saber local, especificamente com as formas de autoatenção praticados pelos indígenas, com objetivo de promover serviços de saúde mais eficazes (SCOPEL *et al.*, 2017 apud MENÉNDEZ, 2009).

REFERÊNCIAS

ALVES, R. R. N. e DIAS, T. L. P. **Usos de invertebrados na medicina popular no Brasil e suas implicações para conservação.** *Tropical Conservation Science*. Vol. 3 (2): 159-174, 2010.

AUTODEMARCAÇÃO NO TAPAJÓS. **Movimento Ipereg Ayu.** Disponível em: [Movimento Ipereg Ayu \(wordpress.com\)](http://MovimentoIperegAyu.wordpress.com). Acesso em: 25 fev. 2023.

BARRETO, J. P. L. **BAHSERIKOWI - Centro de Medicina Indígena da Amazônia: Concepções e Práticas de Saúde Indígena,** *Amazôn. Rev. Antropol.* (Online) 9 (2): 594 - 612, 2017.

BENTES, R. S. (ORG). **A Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA) e Temas Afins.** Série Vidas, Vol. 1. Editora CRV. Curitiba. 2019.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas.** - 2ª edição - Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL, Ministério dos Povos Indígenas. Fundação Nacional dos Povos Indígenas: **DEMARCAÇÃO** – Demarcação-de-terras-indígenas. Disponível em: [Demarcação — Fundação Nacional dos Povos Indígenas \(www.gov.br\)](http://Demarcação—FundaçãoNacionaldosPovosIndígenas.www.gov.br). Acesso em: 18 de fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: [Saúde Indígena \(saude.gov.br\)](http://SaúdeIndígena.saude.gov.br). Acesso em: 21 ago. 2022.

COSTA-NETO, E. M. **A zooterapia popular no Estado da Bahia:** registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais, 2008.

COSTA-NETO, E. M. **Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararé que habitam no nordeste do Estado da Bahia,** Brasil, 1999.

COSTA-NETO, E. M. **Animal-based medicines:** biological prospection and the sustainable use of zootherapeutic resources. *An Acad Bras Ciênc [Internet]*. 2005 Mar;77(An. Acad. Bras. Ciênc., 2005 77(1)). Available from: <https://doi.org/10.1590/S0001-37652005000100004>.

FISCHER, M. L.; PALODETO, M. F. T.; SANTOS, E. C dos. **Uso de animais como zooterápicos:** uma questão bioética. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. RJ. V 25, nº 1, 2018.

FRONT LINE DEFENDERS. **Associação de Mulheres Munduruku Wakoborün.** Disponível em: [Associação de Mulheres Munduruku Wakoborün | Front Line Defenders](http://AssociaçãodeMulheresMundurukuWakoborün.FrontLineDefenders). Acesso em: 25 fev. 2023.

GARNELO, L.; PONTES, A. L. **Saúde Indígena:** uma introdução ao tema. - Brasília: MEC-SECADI, 2012.

HECK, E.; LOEBENS, F.; CARVALHO, P D. **Amazônia indígena: conquistas e desafios**. Estudos Avançados. 2005, v. 19, n. 53. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100015>. Acesso em: 21 ago. 2022, pp. 237-255.

HELMAN, C. G. **Doenças versus Enfermidades na Clínica Geral**. Campos 10(1):119-128, 2009.

ISA - Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: [Munduruku - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://www.socioambiental.org). Acesso em: 21 ago. 2022.

LANGDON, E. J. **Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas**, 2013.

LIMA, J. R. B.; SANTOS, C. A. B. dos. **Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararu no nordeste do estado de Pernambuco, Brasil**, 2010.

LIMA, R. J. P de.; SEVERINO, J. dos S. **Uso de animais na medicina popular: Diagnóstico sociocultural e etnozoológico na zona rural de Jaçanã (RN)**. Revista principal. Divulgação científica e tecnológica do IFPB nº 45, 2018.

MARTA, I. E. R.; BERTON, A. F.; SANTOS, M. L. S.; MENEZES, M. S.; NAGATA, L. A.; TRONCONI, I. C. **Benzimentos e benzedeiros: um estudo etnográfico sobre recursos terapêuticos tradicionais**, 2019.

MELO, J.; VILLANUEVA, R. E. **Levantamento Etnoecológico Munduruku: Terra Indígena Munduruku**. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008.

MOURA, F. de B. P; MARQUES, J. G. W. **Zooterapia popular na Chapada Diamantina: uma medicina incidental**, 2007.

PEIXOTO, G. C. X.; JÚNIOR, R. Q. B.; GÊ, D. R. F.; OLIVEIRA, A. R. M de.; FONSECA, Z. A. A de S. **Zooterapia: uma prática essencial**. PUBVET, Londrina, V. 3, N. 18, Art#582, 2009.

REDE WWF-Brasil. **Os impactos do garimpo ilegal no território Munduruku**. Disponível em: [Os impactos do garimpo ilegal no território Munduruku | WWF Brasil](https://www.wwf.org.br/pt-br/impacts-do-garimpo-ilegal-no-territorio-munduruku). Acesso em: 02 mar. 2023.

ROCHA, B.C. & LOURES, R.S.P. 2020. A expropriação territorial e o Covid-19 no Alto Tapajós, PA. In: ALMEIDA, A. W. B.; MARIN, R. E. A.; MELO, E. A. **Pandemia e Território**. São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020. pp. 337-367.

SANTOS, C. A. B. **Reflexões sobre o uso da fauna silvestre como recurso medicinal pelos povos indígenas no semiárido nordestino**. Revista Ensino Interdisciplinar, v.3, nº 08, 2017.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **PHYSIS**: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1):29-41, 2007.

SCOPEL, D; SCOPEL, R. D; LANGDON, E. J: **A cosmografia Munduruku em movimento**: saúde, território e estratégias de sobrevivência na Amazônia brasileira, 2017.

SILVA, A. L. **Animais medicinais**: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. 2008.

SILVA, M. L. V.; ALVES, Â. G. C.; ALMEIDA, A. V. **A zooterapia no Recife (Pernambuco)**: uma articulação entre as práticas e a história, Recife - PE, 2003.